

1984: O Espelho Negro do Totalitarismo, da Mídia e da Mente

Etec Sebrae

Curso Técnico em Administração – 1º módulo

São Paulo

2025

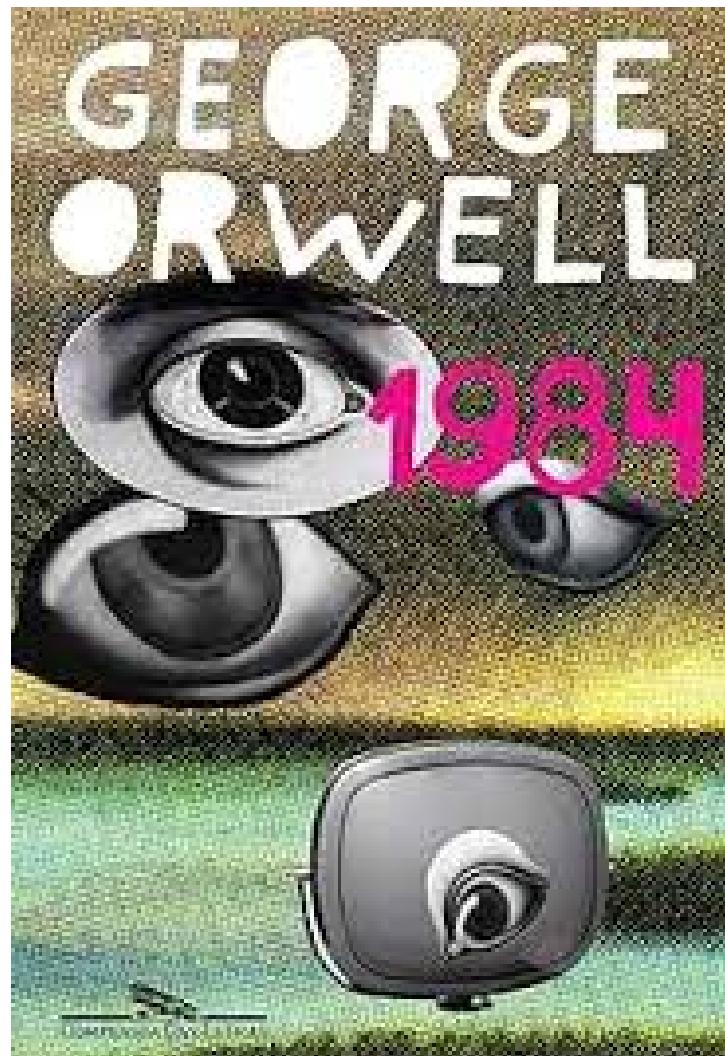
1. Introdução

O presente dossiê tem como objetivo apresentar uma análise crítica e interdisciplinar inspirada na obra *1984*, de George Orwell, explorando seus conceitos e metáforas como base para discutir temas relacionados ao controle social, à psicologia das massas e às dinâmicas políticas em diferentes contextos históricos e contemporâneos.

A estrutura do trabalho foi organizada de forma a contemplar, inicialmente, um panorama da obra e de seus principais elementos simbólicos, seguido por análises políticas, psicológicas e sociais que buscam relacionar a narrativa com fatos históricos, teorias acadêmicas e fenômenos atuais, como a vigilância digital, a manipulação de informação e a ascensão de regimes autoritários.

A escolha de *1984* como referência central justifica-se por sua relevância atemporal e por sua capacidade de servir como ponto de partida para reflexões sobre os riscos do totalitarismo, a fragilidade das instituições democráticas e o impacto das novas tecnologias no controle e conformidade social. Dessa forma, este dossiê não se limita a um estudo literário, mas propõe-se a dialogar com a realidade, promovendo uma compreensão ampliada sobre os mecanismos de poder e a construção da realidade social.

2. Interpretação da capa (edição brasileira do livro, publicada pela Companhia das Letras.)



Nesta imagem, podemos identificar 4 olhos, rebatendo a ideia de vigia e monitoramento, assim, tendo três olhos avulsos e um na televisão, o que sugere a ausência de escapatória, mesmo em momentos de lazer e conforto como ver televisão, o domínio continua.

3. Objetivo do dossiê e relevância do assunto

O objetivo deste dossiê é examinar, de forma organizada e crítica, como as ideias apresentadas em 1984, de George Orwell, podem servir de base para compreender mecanismos de controle, manipulação e vigilância presentes tanto em regimes históricos quanto na sociedade atual. A proposta é utilizar a obra como ponto de partida para discutir, sob uma perspectiva política e psicológica, de que maneira o poder pode moldar comportamentos, reescrever narrativas e restringir liberdades ou gostos individuais.

A relevância deste estudo está no fato de que os conceitos explorados por Orwell permanecem atuais, especialmente diante do avanço das tecnologias de monitoramento, da disseminação de desinformação e do crescimento de discursos autoritários disfarçados de discursos do povo. Ao relacionar ficção, história e realidade moderna, o dossiê busca oferecer uma visão crítica capaz de contribuir para o entendimento e a reflexão sobre os riscos que ameaçam a liberdade e a democracia.

4. Introdução ao tema político e psicológico de 1984, destacando a análise do controle da mente e da sociedade

Em 1984, George Orwell constrói um universo em que o poder não se limita à imposição de regras ou à coação física, mas atua diretamente sobre a mente e os comportamentos individuais. O Partido, figura central da obra, exemplifica um sistema de controle total, capaz de monitorar, manipular e alterar a realidade, instaurando uma forma de dominação que transcende a política e penetra bem ao fundo do psicológico humano.

Do ponto de vista político, a narrativa evidencia como regimes autoritários estruturam mecanismos de vigilância, censura e propaganda conveniente para consolidar seu domínio. O conceito de “Big Brother” simboliza a onipresença do Estado, onde a sensação de estar constantemente observado reforça a obediência e a concordância autoritária. A obra demonstra ainda que o controle social não depende apenas da força física, mas da imposição de normas, do medo e da submissão voluntária, criando uma sociedade em que opiniões são praticamente inexistentes.

No âmbito psicológico, Orwell explora o impacto do totalitarismo sobre a mente humana, revelando como a manipulação da linguagem, da memória e da percepção da realidade molda pensamentos e emoções.

4. Resumo da Obra

O romance se passa em Oceânia, um dos três superestados que dominam o mundo após guerras e reorganizações políticas. O regime é controlado pelo Partido, liderado pela figura onipresente do Grande Irmão. O protagonista, Winston Smith, trabalha no Ministério da Verdade, reescrevendo registros históricos para que sempre estejam alinhados com a versão oficial do Partido. Ele começa a questionar a verdade imposta, se envolve romanticamente com Julia e busca formas de resistência. Porém, é traído, preso, torturado e, por fim, reprogramado psicologicamente até amar e aceitar o Grande Irmão.

Cenário: Londres, capital da província da Pista de Pouso Número 1 (antiga Grã-Bretanha), sob um regime totalitário que vigia todos os aspectos da vida por meio de teletelas, escutas e espiões.

Winston Smith: funcionário do Partido Externo, introspectivo, inconformado com a manipulação da verdade.

Julia: jovem funcionária do Departamento de Ficção, rebelde de forma prática e voltada para prazeres pessoais.

O'Brien: membro do Partido Interno, inicialmente aparenta ser aliado de Winston, mas é, na verdade, um agente leal ao Partido.

Grande Irmão: figura simbólica e provavelmente fictícia que representa o poder absoluto e o controle total sobre a sociedade.

5. Análise Política

5.1. O Grande Irmão como Símbolo Político*

O grande irmão é representado no livro como se fosse uma figura onipresente, poderosa imortal. No romance, não é comprovado que o grande irmão realmente existe como um ser visível, mas o importante é a imagem e o terror psicológico causado por ela, dando a entender que o poder está por toda a parte e não há escapatória.

É importante ressaltar também que o grande irmão tinha várias características a se comparar com outros ditadores históricos, como Hitler, Stalin, Mussolini (MONTEFIORE, 2004; KERSHAW, 2010; BOSWORTH, 2010), que serão retratados com mais detalhes mais para frente.

Assim como o Grande Irmão, certos líderes constroem uma imagem paternal ou messias salvador.

Eles se apresentam como:

1. Protetores da nação (“sem mim, o país cai no caos”);
2. Infalíveis (não podem admitir erros, sempre encontram culpados externos);
3. Onipresentes (aparecem em mídias, discursos, outdoors, redes sociais o tempo todo).

5.2. O Partido e o Controle Totalitário

Entendendo um pouco sobre a forma em que o partido controla a versão da realidade que chega às pessoas, compreendemos sobre o controle da narrativa e também o apagamento da história.

1. Quem domina a narrativa, domina a forma como a sociedade pensa, interpreta e entende o mundo.
2. No livro, isso é feito por meio da propaganda, slogans, censura e manipulação da informação.
3. Exemplo: o famoso lema do Partido – “Quem controla o passado, controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado.”
4. Winston trabalha justamente no Ministério da Verdade, alterando jornais antigos, apagando nomes de pessoas que caíram em desgraça e ajustando fatos para que tudo bata com a versão atual do governo.
5. Com isso, fazendo com que todos sempre vivam com base no presente criado e ditado pelo

Também na obra, temos a “Novilíngua”, que é uma nova língua criada pelo partido com o objetivo de reduzir o vocabulário das pessoas, eliminando palavras usadas para criticar o poder e pensar com questionamento sobre ele.

5.3 Como regimes autoritários modernos reescrevem ou apagam a história

1. Controle da educação e dos livros didáticos

-Alteram currículos escolares para suavizar ou omitir crimes de regimes anteriores.

-Exemplo: ditaduras militares retratadas como “revoluções” ou “movimentos de ordem”.

-O objetivo é moldar a memória das novas gerações.

2. Censura e propaganda oficial

-Proibição de obras, filmes e jornais que contrariam a narrativa oficial.

-Substituição por materiais de propaganda estatal.

-Isso gera um tipo de memória personalizada na sociedade.

3. Revisão histórica

-Reescrevem eventos para colocar o governo como “heróico” ou “salvador da pátria”.

-Transformam derrotas em vitórias, erros em “necessidades históricas”.

-Líderes são apresentados como visionários, mesmo quando cometem crimes.

4. Apagamento de figuras indesejadas

-Pessoas que se tornam inimigas do regime são apagadas de fotos oficiais, registros e homenagens.

-Essa prática já foi comum na União Soviética e ainda é usada em certos países.

5. Manipulação digital

-Na era atual, regimes autoritários apagam ou adulteram conteúdos da internet.

-Criam exércitos de bots e fake news para substituir fatos por versões oficiais.

-A história passa a ser moldada em tempo real.

6. Negligência com a educação

-Falta de comprometimento com relação à construção e manutenção de escolas.

-Uso de verba destinada à educação para fins distintos.

-Redução da carga horária de matérias como filosofia e sociologia, que enfatizam o pensamento crítico e a análise profunda, o que pode fazer com que as pessoas não se rendam tão facilmente aos desejos do Estado.

* *Ponte com psicologia:* Como a manipulação de linguagem afeta o pensamento e a autonomia do indivíduo.

5.3. Parâmetros de comparação com regimes reais

-Nazismo: É o mais conhecido e conhecido de todos, que em comparação com a obra, foi um sistema que buscava controlar todos os setores da sociedade, o político, econômico, cultural e até o intelectual. Além disso, o nazismo usava propaganda massiva (Goebbels, Ministério da Propaganda) para criar culto a Hitler, difundir antisemitismo e exaltar a nação (ARENDT, 1989).

-Stalinismo: Já no Stalinismo, os objetivos não eram muito distintos do nazismo, entre eles cultuar o líder, mas o stalinismo ao invés de usufruir de propagandas excessivas, abusava da reescrita histórica, o que no livro é uma das estratégias do partido para manipulação (CONQUEST, Robert).

-Fascismo Norte-Coreano: O controle Norte-Coreano é baseado no isolamento total, e tem como seus líderes todos aqueles que forem integrantes da dinastia Kim (LANKOV, 2013).

-Fascismo Brasileiro (Ditadura militar): Atualmente, ainda temos debates acadêmicos sobre se a ditadura militar no Brasil foi realmente um regime fascista, mas podemos considerar este regime fascista por causa de suas características, algumas delas são: autoritarismo, nacionalismo extremo e repressão (FICO, Carlos).

5.4 Como esses regimes utilizam a psique humana para manter o controle e o fascismo como conservação do poder

Normalmente, os regimes fascistas utilizam da repressão e da sua própria imagem para que seus cidadãos sejam submissos, isso acontece porque se a repressão for frequente, todos acabam por ter medo de serem os próximos, assim, vivendo preocupados e delatando pessoas próximas, e caso o governo faça muitas propagandas sobre seu líder e se declare “protetor da nação” entre outras coisas, faz com que os civis tenham uma sensação de nacionalismo e dependência, faz com que a população sinta que só consegue viver sob seu regime, que tecnicamente é “protetor”.

Ponte com a psicologia social: A psicologia social mostra que os indivíduos possuem uma necessidade intrínseca de ordem, segurança e pertencimento a grupos. Regimes autoritários e fascistas se aproveitam dessa característica humana para legitimar sua existência, oferecendo estabilidade em contextos de crise econômica, política ou social. Assim, o desejo por proteção e

previsibilidade é manipulado para justificar a concentração de poder, a obediência cega às autoridades e a aceitação de discursos excludentes ou violentos (ARENDT, 1989; PAXTON, 2007).

6. Análise Psicológica

No universo de 1984, o controle do Partido vai além da política e da sociedade: ele penetra na mente de cada indivíduo, moldando pensamentos, sentimentos, vontade e percepções da realidade. A obra mostra que não basta apenas vigiar ações; é necessário controlar crenças e emoções, manipulando a forma como as pessoas entendem o mundo e a si mesmas.

6.1. Manipulação da Mente e o Duplipensar

A manipulação da mente é um dos principais pilares do controle social em 1984. O conceito de Duplipensar consiste em aceitar simultaneamente duas ideias contraditórias como verdadeiras, um exercício cognitivo que destrói a lógica individual e obriga o sujeito a submeter-se ao Partido. Essa prática elimina a possibilidade de pensamento crítico, uma vez que o indivíduo é condicionado a acreditar que "a guerra é paz", "a liberdade é escravidão" e "a ignorância é força". Colocando isso em um possível cenário do dia a dia, poderíamos identificar seguintes situações sendo um Duplipensar:

1. Segurança x Vigilância

- Discurso: Estamos aumentando a vigilância para sua segurança.
- Realidade: a perda de privacidade é apresentada como algo bom, porque traria "paz e proteção".
- Duplipensar: acreditar que abrir mão da liberdade aumenta a liberdade.

2. Trabalho excessivo x Realização pessoal

- Discurso: Se você trabalhar 12 horas por dia, vai ter uma vida melhor.
- Realidade: o excesso de trabalho tira saúde e tempo de vida, mas é vendido como caminho para "felicidade e paz financeira".
- Duplipensar: aceitar que se destruir no presente é "viver melhor".

Podemos identificar diversos Duplipensares na sociedade atual se paramos para analisar.

Do ponto de vista psicológico geral, essa prática se assemelha diretamente com diversas teorias psicológicas, sendo a mais semelhante à teoria da dissonância cognitiva do psicólogo norte-americano Leon Festinger (1919–1989). Essa teoria sugere que indivíduos sentem um certo desconforto psicológico sempre que suas crenças, comportamentos ou atitudes entram em conflito, portanto incentivam-nos a querer reduzi-la. A redução da dissonância pode ocorrer das seguintes formas:

- Por meio da mudança de comportamento.
- Por meio da mudança do ambiente, ajustando-o às suas cognições.
- Por meio do abandono da dissonância

Um exemplo clássico sobre dissonância cognitiva é o do fumante que é confrontado com a informação de que fumar (o comportamento que ele tem) faz mal à saúde (a cognição). Para reduzir a dissonância de cognição (entre o sentimento de vida e de estar prejudicando a própria vida), ele pode:

- Mudar o seu comportamento, parando de fumar.
- Mudar o seu ambiente (a informação estabelecida de que fumar faz mal), pretendendo acreditar que “existe uma conspiração mundial que visa destruir a indústria do tabaco, e que fumar, portanto, não causa câncer”.
- Abandonar a dissonância ou reduzir sua importância. Assim, o fumante continuaria fumando, com a justificativa de que “a vida é muito curta para não curti-la” ou dizendo para “não o aborrecerem mais com esse assunto”.

Por meio disso tudo, você consegue perceber que a dissonância cognitiva é o desconforto — ou seja, uma resposta do seu cérebro diante de uma quebra na harmonia entre o que você pensa e o que você faz. O duplipensar é algo que se aproxima da ausência desse desconforto, ou seja, é o condicionamento a ignorar a coerência e a verdade do que lhe é imposto, como, por exemplo, na frase “a guerra é paz”. A guerra não é paz, mas um conflito; ainda assim, por meio do duplipensar (imposto por meio de controle total da informação, repetição massiva e propaganda, educação e socialização desde a infância, medo e coerção etc. — basicamente agindo como reprogramadores dessa função cerebral) você é levado a aceitá-la como se fosse uma forma de paz, internalizando contradições sem questionar.

6.2. Tortura e Lavagem Cerebral

A tortura, tanto física quanto psicológica, é um dos recursos mais poderosos de desestabilização do ser humano. Do ponto de vista da neuropsicologia, a exposição prolongada a dor e estresse extremo ativa o eixo hipotálamo–hipófise–adrenal, liberando grandes quantidades de cortisol e adrenalina. Esse estado contínuo de hiperarousal não apenas fragiliza o corpo, mas também compromete funções cognitivas superiores, como memória, raciocínio crítico e tomada de decisão. Ou seja, a tortura não destrói apenas a resistência física: ela mina a capacidade de pensar de forma autônoma.

Além do efeito fisiológico, há o impacto psicológico. Estudos sobre trauma complexo mostram que a dor extrema, quando associada a humilhação, privação sensorial e isolamento, leva à fragmentação da identidade. O indivíduo passa a dissociar suas experiências, criando uma desconexão entre o que sente e o que pensa, abrindo espaço para a inserção de narrativas externas. É aqui que a tortura se une à lavagem cerebral: ao quebrar a psique, cria-se terreno fértil para reconstruí-la segundo a vontade do opressor.

Essa reconstrução se baseia em mecanismos como o condicionamento aversivo (Skinner), em que qualquer tentativa de resistência é associada à dor, até que o cérebro aprenda a evitar automaticamente tais pensamentos. Outro ponto é a indução de dissonância cognitiva extrema (Festinger): a vítima se vê obrigada a adotar crenças incompatíveis com sua experiência, mas, sob

intensa pressão, acaba internalizando-as para reduzir o sofrimento psicológico. Em 1984, isso aparece de forma cristalina na relação entre Winston e O'Brien: a tortura não se contenta em forçar confissões, mas exige convicção — é preciso amar o Grande Irmão.

Esse mecanismo também se observa fora da ficção. Em comunidades controladas por facções, os chamados “tribunais do crime” funcionam como instâncias de julgamento em que a violência é aplicada de forma exemplar. O efeito vai muito além da vítima direta: todo o coletivo aprende que resistir ou questionar implica consequências dolorosas e inevitáveis. O medo constante cria um estado de conformidade, em que as regras impostas deixam de ser apenas aceitas por conveniência e passam a ser incorporadas como verdades inquestionáveis. A tortura, portanto, deixa de ser apenas um ato isolado e se torna um processo pedagógico de dominação, que molda a mente coletiva pelo terror.

Assim, tanto em 1984 quanto na realidade, a tortura e a lavagem cerebral não buscam apenas obediência, mas sim a destruição da subjetividade autônoma, substituindo-a por uma identidade construída sob os parâmetros do poder.

6.3. Vigilância e Paranoia

A vigilância constante exerce um impacto profundo no funcionamento psicológico do indivíduo. O simples fato de acreditar que se está sendo observado é suficiente para gerar um estado de hipervigilância, caracterizado por tensão muscular, aceleração cardíaca, atenção seletiva e dificuldade de relaxamento. Esse estado, quando crônico, corrói a saúde mental e pode levar ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade, estresse pós-traumático e até sintomas paranoides.

Do ponto de vista da psicologia social, a vigilância modifica comportamentos não apenas de forma externa, mas também interna. Surge a autocensura: o indivíduo internaliza a figura do observador e passa a se policiar constantemente, restringindo ações, palavras e até pensamentos. É um processo de disciplinamento invisível, em que não é mais necessário um vigia presente, pois a própria mente já assumiu esse papel. Esse fenômeno dialoga com a noção de panoptismo (Foucault), em que o poder se mantém porque o sujeito nunca sabe quando está sendo observado, vivendo em alerta permanente.

Em 1984, essa dinâmica é representada pelas teletelas e pelo slogan “O Grande Irmão está de olho em você”. A genialidade desse mecanismo está no fato de que o controle não se limita ao espaço público: ele invade a vida íntima, penetrando na esfera mais privada da mente. O medo da vigilância cria um ambiente de paranoia coletiva, em que até o silêncio ou uma expressão facial podem ser interpretados como crime de pensamento.

Um episódio real que ilustra esse impacto é a experiência de Nasubi, no Japão, participante de um programa de televisão no qual permaneceu nu e isolado em um quarto, sendo filmado 24 horas por dia, enquanto tentava sobreviver apenas com prêmios de sorteios de revistas. Mesmo sem tortura física explícita, a exposição constante e a ausência de privacidade levaram a sérios danos psicológicos, incluindo ansiedade, sensação de despersonalização e dificuldade de reintegração

social após o confinamento. Sua vida se transformou em espetáculo, mas sua psique foi gradualmente corroída pela vigilância absoluta.

Da mesma forma, na sociedade contemporânea, a multiplicação de câmeras, algoritmos e redes sociais produz um efeito semelhante: o sujeito já não age de maneira espontânea, mas de acordo com o olhar real ou imaginado do outro. Isso gera ansiedade, perda de autenticidade e reforça o que Orwell antecipou — um mundo em que não é preciso uma cela para aprisionar alguém, basta o olhar permanente que se insinua em todos os espaços.

6.4. Alienação e Identidade

A identidade psicológica é construída sobre três pilares interdependentes: memória autobiográfica (o passado que nos dá continuidade), autoeficácia (a sensação de poder agir no mundo) e representação narrativa (a história que contamos sobre nós mesmos). Quando um poder externo sistematicamente ataca esses pilares — controlando informação, reescrevendo fatos ou punindo a expressão de desejos e lembranças — a estrutura do eu começa a desmoronar. Do ponto de vista teórico, isso se conecta tanto à teoria da identidade social (Tajfel & Turner) — que mostra como pertencimentos e discursos coletivos moldam o “quem sou eu” — quanto às teorias do desenvolvimento (Erikson), para as quais a coerência narrativa é condição de saúde mental.

No nível neuropsicológico, traumas repetidos e ambientes que invalidam a experiência (negação de memórias, “reescrita” histórica) comprometem a consolidação da memória episódica e fragilizam o sentido de continuidade. Psicologicamente, isso produz *identidade difusa*: o sujeito deixa de ter uma base firme para decisões, preferindo comportamentos automáticos e adotando identidades externas como substitutos do eu. Clinicamente observa-se depressão anêmica, apatia, sentimento de vazio e, em casos mais extremos, anomia — uma perda de referências morais e sociais.

Em 1984, a alienação é literalizada quando Winston perde o acesso seguro às próprias lembranças e passa a depender da “verdade” oficial para preencher seu passado. Esse mesmo processo ocorre fora da ficção sempre que um ambiente — seja político, religioso ou organizacional — exige a renúncia das narrativas pessoais em favor de uma identidade imposta. Por exemplo, quando comunidades integram códigos de conduta violentos como norma, os indivíduos não apenas obedecem; eles reconstruem sua identidade a partir daquele código, apagando conflitos internos e assumindo papéis que anteriormente lhes seriam estranhos. Assim, a alienação deixa de ser uma sensação individual: torna-se uma tecnologia de poder que produz sujeitos conformes, desprovidos de agência reflexiva.

6.5. O Efeito da Repetição e da Propaganda na Psicologia Coletiva

A repetição sistemática de mensagens não atua apenas sobre o conteúdo cognitivo; ela altera os mecanismos pelos quais julgamos a veracidade e a importância de uma informação. Efeitos bem estudados na psicologia cognitiva — como o efeito de mera exposição e o efeito da verdade ilusória — demonstram que a familiaridade incrementa a sensação de veracidade, independentemente da correção factual. Além disso, processos heurísticos (economia cognitiva) e a *fluidez cognitiva* (sentir

que uma ideia “cabe” facilmente) levam o indivíduo a aceitar mensagens repetidas como mais plausíveis e seguras.

No plano social, a propaganda explora reforços emocionais (medo, orgulho, culpa) e mecanismos de identidade coletiva: quando uma mensagem é repetida até tornar-se compartilhada, ela passa a funcionar como marcador de pertencimento. A repetição não só converte crenças; ela altera as normas, sanciona comportamentos e cria atalhos heurísticos que substituem pensamento crítico por respostas automáticas. É por isso que slogans de 1984 (como “Guerra é Paz”) não são meras frases — são ferramentas de construção de realidade: tornando uma proposição familiar, o Partido reduz a dissonância e impõe conformidade cognitiva.

Essa dinâmica também explica por que bolhas informacionais e feeds algorítmicos são tão potentes: a repetição seletiva reforça narrativas, cria consonância emocional e dificulta a entrada de correções ou informações contrárias. A consequência psicológica é dupla: reforço de crenças mesmo sem evidência robusta, e empobrecimento da capacidade de distinguir entre plausibilidade e verdade.

6.6. A Busca pela Verdade e a Redefinição do Real

A capacidade de distinguir o que é real do que é manipulado é essencial para a saúde mental. Em 1984, o Partido controla a realidade ao reescrever fatos e invalidar memórias, criando um ambiente em que até duvidar da própria percepção se torna natural. Psicologicamente, isso gera ansiedade, fadiga mental e dificuldade de confiar em si mesmo.

Winston tenta resistir a esse controle, mantendo memórias autênticas e buscando fatos concretos. Esse esforço, embora arriscado, é uma forma de resiliência cognitiva, ou seja, a capacidade de proteger o próprio pensamento e senso de realidade mesmo sob pressão. No mundo real, situações semelhantes acontecem quando pessoas enfrentam desinformação, manipulação midiática ou gaslighting — a luta pela verdade exige coragem, apoio social e ferramentas para verificar informações.

Assim, em 1984, a busca pela verdade não é apenas política, mas psicológica: preservar a realidade é preservar a própria identidade e autonomia mental diante da tentativa de reprogramação do Partido.

7. Contexto Histórico e Conexões com a Realidade

7.1. Segunda Guerra Mundial e Regimes Totalitários

1984 é uma obra que reflete uma causa pós-guerra, que pelo contrário do que muitas pessoas pensavam, no período em decorrer da segunda guerra mundial, a vitória sobre o nazismo não iria garantir mais liberdade a ninguém, com toda a distopia que o livro cria, apenas mais modelos poderiam surgir.

7.2. A Guerra Fria e o Medo do Comunismo

No período da guerra fria, o mundo inteiro temia o comunismo devido a União Soviética, por isso, eram caçados e perseguidos todos aqueles que apoiavam o sistema, assim, muitas pessoas viviam sob pressão constante com medo de serem descobertas ou serem acusadas injustamente.



Indonésia (1965-1966): Após um golpe militar, estima-se que entre 500 mil e 1 milhão de pessoas associadas ao Partido Comunista da Indonésia (PKI) foram mortas por militares e milícias civis. O massacre foi apoiado por potências ocidentais durante a Guerra Fria.



Brasil (Ditadura Militar): Durante o regime militar brasileiro (1964-1985), militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e de outras organizações de esquerda foram perseguidos, torturados e mortos. O Massacre da Lapa, em 1976, resultou na morte de militantes comunistas.

7.3. O Pós-Guerra e o Surgimento do Medo da Vigilância Estatal

Após a Segunda Guerra Mundial, cresceu de forma significativa a preocupação com a privacidade individual e com o controle governamental. A experiência com regimes totalitários, como o nazismo e o stalinismo, deixou claro como a vigilância estatal e a manipulação da informação podiam ser usadas para suprimir liberdades, controlar populações inteiras e legitimar atrocidades. Nesse contexto, a Guerra Fria ampliou ainda mais os temores: espionagem, coleta de dados e monitoramento da vida dos cidadãos tornaram-se práticas comuns sob o pretexto da segurança nacional.

Ponte com os dias de hoje: no mundo digital, essa preocupação se atualiza de forma ainda mais intensa. Governos e grandes corporações utilizam tecnologias de vigilância em massa, algoritmos e bancos de dados para monitorar comportamentos, rastrear interações e moldar narrativas. A lógica é semelhante à descrita em 1984: a privacidade é constantemente ameaçada, e a manipulação de informações serve como ferramenta de controle social. O que antes eram câmeras e arquivos físicos, agora são redes sociais, metadados e inteligência artificial, transformando cada cidadão em uma “peça monitorada” de um sistema global de vigilância.

8. O Controle da Informação

Em 1984, o Ministério da Verdade representa o ápice do poder sobre a realidade: ele altera registros históricos, jornais e documentos oficiais, criando uma narrativa que atende exclusivamente aos interesses do Partido. Essa manipulação não se limita à falsificação de fatos; ela destrói a própria noção de verdade objetiva, minando a confiança da sociedade na memória coletiva e nos processos de verificação da realidade.

Do ponto de vista sociopolítico, o controle da informação serve como tecnologia de poder: ao moldar a percepção, o Partido garante que a população não apenas obedeça, mas internalize uma realidade construída, incapaz de ser questionada. Psicologicamente, isso cria um estado em que os indivíduos ajustam crenças e atitudes para reduzir conflito interno em relação a uma realidade artificialmente imposta.

Hoje, práticas similares emergem de forma mais sofisticada. Governos e corporações controlam narrativas por meio de propaganda, censura velada e manipulação midiática. A proliferação de fake news, redes sociais direcionadas e algoritmos que filtram conteúdo cria um ecossistema de informação seletiva, onde a percepção da realidade é moldada pelo que é repetido, amplificado e reforçado emocionalmente. Assim, o Ministério da Verdade não é mais apenas ficção: tornou-se de certa forma metáfora do poder contemporâneo sobre dados, narrativa e memória coletiva.

8.1. O Impacto da Manipulação da História na Sociedade

O controle da narrativa histórica fragiliza a memória coletiva e a identidade de um povo. Quando a história é constantemente reescrita, a sociedade perde suas referências e se torna mais vulnerável à propaganda.

Ponte atual: regimes como a China e a Rússia têm sido acusados de manipular e reinterpretar eventos históricos para consolidar seu poder político.

8.2. O Papel da Tecnologia no Controle da Informação

Hoje, a tecnologia é a principal ferramenta de controle da narrativa pública.

- Redes sociais e algoritmos filtram conteúdos e criam bolhas ideológicas, direcionando o que cada indivíduo consome.
- Inteligência artificial pode manipular discursos e narrativas.
Ponte com 1984: assim como o Partido moldava a percepção da realidade, os algoritmos atuais selecionam quais informações aparecem, criando uma nova forma de vigilância e manipulação.

9. Redes Sociais e Vigilância Digital: O Novo Big Brother?

9.1. A Vigilância nas Redes Sociais

As redes sociais funcionam como um “Big Brother” moderno, coletando dados sobre cada interação, clique, curtida ou pesquisa realizada pelos usuários. Cada ação deixa um registro que pode ser analisado, agrupado e utilizado para prever comportamentos ou direcionar conteúdo. Diferente da vigilância tradicional, essa forma de monitoramento é invisível, constante e adaptativa, acompanhando indivíduos em tempo real em seus momentos de lazer, trabalho ou estudo.

O que reforça seu poder é a sensação de liberdade aparente: os usuários acreditam controlar o que compartilham ou consomem, mas, na prática, estão inseridos em um ambiente cuidadosamente projetado para influenciar a fazer o desejado

9.2. Manipulação e Controle da Informação nas Redes Sociais

Além de monitorar, as redes sociais atuam na construção da percepção da realidade. Algoritmos determinam quais informações cada usuário verá, criando realidades filtradas que reforçam crenças pré-existentes e limitam a diversidade de perspectivas. Notícias, memes, vídeos e até comentários são distribuídos de forma estratégica para maximizar engajamento e adesão a narrativas específicas.

Um aspecto crucial é que essa dinâmica gera vício e distração, mantendo os usuários constantemente conectados a conteúdos que reforçam hábitos e padrões desejados, enquanto os afasta de informações ou debates que poderiam estimular pensamento crítico, questionamento ou percepção realista da sociedade. A impressão de liberdade permanece, mas o engajamento é cuidadosamente manipulado: quanto mais tempo e atenção o indivíduo dedica às redes, mais previsível e controlável ele se torna.

Essa estratégia se aproxima da função da Novilíngua em 1984: não se trata apenas de restringir informação, mas de criar uma realidade em que a distração e o engajamento constante substituem a reflexão independente. Assim, a manipulação da informação vai além do simples controle: ela redireciona atenção, molda hábitos e limita a capacidade de perceber a realidade além das bolhas digitais.

9.3. Cultura do Cancelamento e Conformidade Social nas Redes

As redes sociais também reproduzem mecanismos de pressão coletiva, semelhantes à repressão exercida pelo Partido. A cultura do cancelamento atua como uma ferramenta de normatização: indivíduos que discordam ou se afastam da norma social predominante são publicamente expostos, criticados e isolados. Isso cria um efeito de conformidade social, no qual a maioria ajusta comportamentos e opiniões para evitar sanções indiretas ou constrangimento público.

Dessa forma, plataformas digitais não apenas coletam dados ou controlam informação, mas também moldeiam comportamentos e padrões sociais, garantindo que normas e valores dominantes sejam reforçados continuamente. A sensação de autonomia permanece, mas é cuidadosamente calibrada: a liberdade individual existe apenas dentro de limites pré-estabelecidos, reforçando uma dinâmica de controle invisível, constante e eficaz.

10. O Impacto da Inteligência Artificial no Controle Social

10.1. O Uso de IA para Vigilância em Massa

A inteligência artificial transformou a vigilância social, permitindo que governos e corporações monitorem ações e preferências de indivíduos em escala massiva e quase contínua. Diferente da vigilância tradicional, que exigia presença física ou burocrática, a IA coleta dados, analisa padrões e antecipa comportamentos, criando uma supervisão invisível e constante.

O mais intrigante é que a IA oferece uma sensação de liberdade ilusória: redes sociais e aplicativos parecem fornecer autonomia, interação e recursos de resposta imediata. No entanto, cada clique, cada curtida e cada escolha é monitorada, registrada e analisada, transformando o que parece ser uma experiência libertadora em uma armadilha de supervisão constante. Funciona como um “cebo digital”: ao oferecer conveniência, rapidez e sensação de controle, atrai os indivíduos para um ambiente onde seus dados, decisões e até reações emocionais podem ser estudados e influenciados.

Em termos sociais, isso representa uma forma sofisticada de controle: a liberdade aparente induz confiança e engajamento, enquanto a vigilância se intensifica silenciosamente. Psicologicamente, indivíduos internalizam padrões de comportamento, ajustam opiniões e reduzem críticas, reforçando conformidade quase automática, sem necessidade de coerção direta. Assim, a IA não liberta: ela observa, analisa e molda, garantindo que a percepção de autonomia sirva mais ao controle do que à emancipação real.

10.2. Algoritmos e a Manipulação da Opinião Pública

Algoritmos não apenas filtram informações, mas estruturam a forma como cada indivíduo enxerga o mundo. Conteúdos são personalizados e selecionados para reforçar crenças pré-existentes, criando realidades artificiais e limitando a diversidade de perspectivas. A sensação de liberdade surge porque o usuário acredita escolher o que ver ou interagir, mas, na prática, o sistema direciona atenção, decisões e engajamento de maneira previsível.

Esse processo é reforçado por mecanismos de interação imediata: respostas rápidas, feeds infinitos e notificações constantes mantêm o usuário conectado e engajado, ao mesmo tempo em que registram cada comportamento para análise e controle. A liberdade aparente funciona como um **cebo digital**:

quanto mais atraente e conveniente, mais profundo é o monitoramento e mais intenso o condicionamento.

Diferente de censura explícita, essa manipulação é sutil e invisível. Cada indivíduo parece agir por escolha própria, mas suas decisões, opiniões e comportamentos são moldados por filtros e padrões definidos externamente. Assim, algoritmos e IA não apenas monitoram: eles atraem, moldam e mantêm controle de maneira silenciosa, criando uma realidade na qual a liberdade é uma ilusão cuidadosamente construída.

11. A Psicologia das Multidões e o Controle Social

11.1. A Psicologia da Obediência Coletiva

A obediência coletiva é um fenômeno psicológico complexo que explica como indivíduos podem seguir ordens ou normas sociais mesmo em detrimento de seus valores éticos e consciência pessoal. Experimentos clássicos ilustram isso de forma contundente. No estudo de Milgram, por exemplo, participantes eram instruídos a aplicar choques elétricos em outra pessoa sempre que ela errasse respostas em um teste; mesmo sabendo que poderiam causar dor, a maioria continuou obedecendo às instruções de uma figura de autoridade, revelando o poder da obediência sobre a consciência individual. Já o experimento da prisão de Stanford, conduzido por Zimbardo, simulou uma prisão com voluntários divididos entre guardas e prisioneiros, mostrando que a simples atribuição de papéis e a estrutura social podem levar pessoas comuns a adotar comportamentos extremos e desumanizantes, incluindo abuso e submissão psicológica.

Em 1984, a população da Oceania internaliza a obediência ao Partido não apenas por medo explícito de punição, mas porque o sistema constrói uma percepção de normalidade e inevitabilidade: aceitar o controle é percebido como correto, natural e necessário. Psicologicamente, isso ativa mecanismos de conformidade social e internalização de normas, nos quais indivíduos ajustam crenças e comportamentos para reduzir conflitos internos, ansiedade ou desaprovação social.

O mesmo fenômeno é observável em sociedades modernas, em contextos que vão desde regimes autoritários até organizações corporativas rígidas: a combinação de autoridade legítima, normas internalizadas e pressão social cria um ambiente em que a obediência quase automática substitui a reflexão crítica. Assim, Orwell não descreve apenas uma opressão política, mas um mecanismo psicológico universal, aplicável a qualquer grupo humano sujeito a hierarquias de poder.

12. O Enfraquecimento das Instituições Democráticas e a Ascensão do Autoritarismo

Quando instituições democráticas perdem força, direitos civis são ameaçados e abre-se espaço para líderes autoritários.

Conexão com 1984: o enfraquecimento da liberdade individual reflete os princípios de dominação total descritos no livro, semelhantes a regimes que surgiram após crises sociais e econômicas (como o nazismo e o stalinismo).

13. Resistência e Subversão: O Papel da Rebelião Individual

A luta de Winston e Julia representa a busca pela liberdade e pela verdade em meio à opressão. Ponte com o presente: movimentos de resistência social, como o ativismo digital e os protestos contra regimes autoritários, mostram como a rebeldia individual pode se transformar em força coletiva.

14. A Transformação da Cultura Política e a Manipulação da Realidade Social

Governos e empresas de tecnologia moldam a realidade social por meio da censura e da propaganda.

Relação com a cultura digital: assim como no livro, vivemos numa era em que a realidade pode ser construída artificialmente, influenciando a percepção coletiva e criando uma nova forma de conformidade.

15. O Futuro de 1984: A Relevância da Obra no Século XXI

1984 permanece como um alerta crucial para sociedades modernas. A obra transcende o tempo por sua análise da relação entre poder, informação e mente humana. No século XXI, vivemos em um mundo hiperconectado, no qual dados pessoais, algoritmos e redes sociais moldam comportamentos, opiniões e até percepções de realidade de forma silenciosa, mas profunda. Essa dinâmica reproduz o princípio central de Orwell: quando a manipulação da informação e a vigilância se tornam sistêmicas, a liberdade individual e coletiva é corroída.

Além disso, o livro nos alerta para a fragilidade da memória coletiva. A manipulação da informação e a saturação de conteúdos repetitivos — sejam notícias, redes sociais ou discursos oficiais — podem moldar a percepção dos fatos, influenciando decisões individuais e coletivas sem que se perceba. A lição de Orwell é clara: a perda de controle sobre a própria percepção equivale à perda da liberdade.

Por fim, 1984 não é apenas uma advertência sobre opressão política; é também um guia para reflexão sobre ética, autonomia e resistência. Movimentos contemporâneos de ativismo digital, denúncia de injustiças e proteção de dados pessoais mostram que a rebeldia individual, quando consciente e fundamentada, pode gerar impacto coletivo significativo. O livro nos força a questionar: até que ponto aceitamos conforto, segurança ou conveniência às custas de nossa liberdade e autonomia mental?

Portanto, 1984 continua sendo uma obra de relevância inestimável. Ele combina análise psicológica, social e política para mostrar que a luta pela verdade, memória e liberdade não é apenas literária: é uma tarefa contínua do século XXI, em que vigilância, manipulação e tecnologia desafiam constantemente os limites da autonomia humana.

orueso-blogs-uv-es.translate.goog/2010/10/28/manipulation-of-language-as-a-weapon-of-mind-control-and-abuse-of-power-in-1984/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc

FESTINGER, Leon. *Teoria da dissonância cognitiva*. Tradução de Eduardo Almeida. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARTINS, Renato. *Ciência e a dissonância cognitiva*. 2015. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Renato-Martins-14/publication/282014165_Ciencia_e_a_dissonancia_cognitiva/links/56016a1208aeafc8ac8c9e7c/Ciencia-e-a-dissonancia-cognitiva.pdf. Acesso em: 23 ago. 2025.

MILGRAM, Stanley. Behavioral Study of Obedience. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 67, n. 4, p. 371-378, 1963.

ZIMBARDO, Philip. *The Stanford Prison Experiment: A Simulation Study of the Psychology of Imprisonment*. Stanford University, 1971.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. Nova York: PublicAffairs, 2019.

LACERDA, Bruno; SOUSA, Mariana. *Algoritmos e a manipulação da opinião pública: redes sociais e o controle digital*. Revista de Estudos em Comunicação e Mídia, v. 14, n. 2, p. 45-62, 2021.

KARSAKI, Ramin. *History and Propaganda: Authoritarian Regimes and Manipulation of Information*. London: Routledge, 2018.

SUNSTEIN, Cass R. *#Republic: Divided Democracy in the Age of Social Media*. Princeton: Princeton University Press, 2017.

FRIEDMAN, Batya; NISSENBAUM, Helen. *Bias in Computer Systems*. ACM Transactions on Information Systems, v. 14, n. 3, p. 330-347, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernity and Holocaust*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Vigilância Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

POSTMAN, Neil. *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business*. New York: Penguin Books, 1985.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

PARISER, Eli. *The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You*. New York: Penguin Press, 2011.

LOVINK, Geert. *Networks Without a Cause: A Critique of Social Media*. Cambridge: Polity Press, 2012.

MOROZOV, Evgeny. *The Net Delusion: The Dark Side of Internet Freedom*. New York: PublicAffairs, 2011.

CHOMSKY, Noam. *Mídia: propaganda política e manipulação*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo, 2009.